

NINA LANE

Declarar

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

**pa
ra
le
la**

Copyright © 2014 by Nina Lane

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Awaken

CAPA Paulo Cabral

FOTO DE CAPA © Dasha Pears/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Luciane Helena Gomide e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lane, Nina

Declarar / Nina Lane ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed.
— São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Awaken.

ISBN 978-85-8439-127-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-18550

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Este livro é para todos os leitores que adoram Liv e Dean West tanto quanto eu. É para aqueles entre vocês que sabem da coragem que é necessária para confiar nos próprios instintos e encontrar seu caminho. É para as mulheres que adoram ser amadas por alguém e para os homens que são seus heróis. E é para todos que acreditam em coisas boas — livros, uma xícara de chá, professores gatos, viagens interessantes que nos levam de volta para casa, colchas quentinhas e amores perfeitamente imperfeitos.

*Mas nós amávamos com um amor
que era mais que amor.*

Edgar Allan Poe

PARTE I

3 DE MARÇO

Mesmo a milhares de quilômetros de distância, consigo sentir meu marido. Sinto seus pensamentos roçando minha pele, as batidas de seu coração em sincronia com as minhas. Eu o sinto no mundo, uma presença poderosa e inescapável que sempre vai ser minha fonte de segurança e afeto. Por causa disso, a distância entre nós não parece tão vasta, e não pareço tão só em minha solidão.

Mirror Lake está despertando da hibernação do inverno. Adesivos de tulipas coloridas, borboletas e pássaros estampam as vitrines do comércio da Avalon Street. A superfície congelada do lago está começando a rachar, as placas de gelo derretem sob o sol cada vez mais quente. A neve continua acumulada nas montanhas ao redor e nas ruas, mas a promessa da chegada da primavera paira no ar.

De calça jeans e camiseta, ponho um casaco e prendo os cabelos castanhos em um rabo de cavalo antes de sair. Paro em um café, pego dois para viagem e vou andando até a Emerald Street, onde fica a Happy Booker. As palavras QUEIMA DE ESTOQUE FINAL estão pintadas em letras garrafais na vitrine.

Abro a porta com uma pontada de tristeza. Eu me ofereci para tentar ajudar minha amiga Allie Lyons a salvar a livraria pedindo um empréstimo para me tornar sócia da loja, mas o banco não aceitou e o faturamento não é suficiente para pagar o aluguel depois do reajuste.

“Bem-vinda à... ah, oi, Liv.” Allie fica de pé ao lado de uma pilha de livros e afasta uma mecha de cabelos ruivos da testa. Cheia de energia e determinação aos vinte e sete anos, ela não vai deixar que algo como a falência a derrube.

“Bom dia, Allie.” Coloco o café dela sobre a bandeja no balcão. “O que posso fazer?”

“Ainda não mexi na parte de infantis”, Allie me diz. “Os brinquedos também precisam ser encaixotados, mas vamos esperar mais uma semana para isso. Brent vai passar aqui em meia hora para levar umas caixas na picafe.”

Tiro o casaco e vou até os fundos da loja, onde fica a seção infantil. A livraria vai fechar no fim do mês, então estamos encaixotando os produtos em consignação e liquidando o estoque. Começo a trabalhar numa planilha de inventário.

“Ei, Liv, tem um monte de brindes naquele cesto perto da vitrine”, Allie avisa. “Vou deixar lá fora amanhã, então, se quiser alguma coisa, é melhor pegar agora. Tem um livro sobre história medieval de que o professor bonitão pode gostar.”

“Obrigada.” Guardo alguns livros de ilustrações e vou até o cesto.

Começo a vasculhar os volumes e separo um sobre literatura medieval, apesar de achar que Dean já tem. Acrescento alguns romances à pilha.

“Quando é que ele volta?”, Allie pergunta.

“Ainda não sei. Essa fase do trabalho vai até o fim de julho.” Tento ignorar o aperto no coração com a lembrança de que Dean foi embora.

Não, lembro a mim mesma. Ele não foi embora. Só não está aqui.

Ele até se recusou a ir, a princípio. Parecia que nada — nem a ordem para manter distância do campus da Universidade King’s, a ameaça à sua carreira ou a acusação de assédio sexual por parte de uma aluna rancorosa — seria capaz de tirar meu marido do meu lado.

Dean passou algumas semanas pairando ao meu redor depois que perdi o bebê, desesperado para fazer alguma coisa para amenizar a situação. Logo percebi que essa proximidade era sua maneira de lidar com a perda e com a raiva, e concluí que ele precisava se afastar de Mirror Lake. Havia a possibilidade de ser consultor em uma expedição arqueológica na Itália por seis meses, mas ele não queria aceitar, porque significaria ficar longe de mim.

Então, em uma tarde de fevereiro, Dean foi à King’s devolver alguns livros. Ele viu Maggie Hamilton, a garota que fez a falsa acusação de assédio, na biblioteca. Os dois não se falaram, mas Frances Hunter, diretora

do departamento de história da universidade, foi até nosso apartamento naquele dia.

Ela ficou abismada com a audácia de Dean de aparecer no campus enquanto estava suspenso, mesmo que não oficialmente. E ficou ainda mais perturbada quando o pai de Maggie Hamilton ameaçou entrar com um pedido de medida cautelar contra Dean se ele não parasse de “perseguir” a garota.

“Se você não tomar cuidado, as coisas vão ficar piores do que já estão”, alertou Frances. “Pelo amor de Deus, Dean, uma medida cautelar. Uma suspensão não vai ser nada se Edward Hamilton conseguir uma ordem judicial impedindo você de chegar perto do campus. Que tal ser mais discreto daqui em diante?”

Frances olhou para mim, e Dean compreendeu o que significava. Sei qual foi a difícil conclusão a que ele chegou naquele exato momento — se saísse de Mirror Lake, se não pudesse servir de alvo para Maggie Hamilton e o pai, impediria que eu fosse atingida no fogo cruzado. Minha proteção era o único argumento capaz de convencê-lo a se afastar.

Ele saiu bem cedo na manhã do dia seguinte para pegar o avião. Dava para sentir toda a tristeza e a raiva que emanavam de seu corpo. Quase voltei atrás na minha insistência de que não podia acompanhá-lo por causa de compromissos em Mirror Lake.

Mas fui firme. Ele precisava ir, e eu tinha que ficar.

“Não sei como vai ser nossa vida daqui para a frente”, Dean comentou, estendendo a mão para tocar meu rosto quando paramos na porta do apartamento.

“Nem eu”, admiti. “Mas por que precisamos saber? Nem sempre dá para ter um plano.”

“Dá, sim.”

Eu me virei para pegar a mala dele. Conheço bem meu marido. Ele gosta de planejamentos e cronogramas. Precisa estar no controle da situação. Está acostumado a conseguir o que quer. A avalanche de acontecimentos recentes — nossa breve separação no fim do ano passado, a perda do bebê e agora a ameaça à carreira dele — nos atingiu com uma força inimaginável e abalou nossos corações.

E não havia nada que Dean pudesse fazer para evitar.

Naquele momento, pensei em uma coisa que escrevi no meu manifesto alguns meses antes.

Vou ter sempre em mente como as coisas eram quando nos conhecemos.

Como eu gostei daqueles primeiros meses de exploração sem pressa, em que conhecemos cada parte do corpo e o coração um do outro. Parecia que o mundo se resumia a nós dois, como se nada fosse capaz de romper a barreira da nossa intimidade. Como se houvesse um lugar só nosso no mundo.

Desci a escada com Dean e saímos para a manhã fria e cinzenta. Ele abriu o porta-malas do carro e guardou a bagagem.

Fiquei olhando para Dean — meu marido alto e lindo, com cabelos escuros ondulados e feições marcantes intensificadas pelos olhos castanhos e os cílios grossos. Seu corpo forte e seus ombros largos pareciam capazes de suportar todo o peso do mundo.

“Dean?”

“Hum?” Ele fechou o porta-malas e enrijeceu os ombros.

“Lembra como foram bons nossos primeiros meses juntos?”

“Nunca vou esquecer.”

“Nem eu.” Me aproximei dele. “Então fiquei pensando que, quando você voltar, a gente podia só... namorar.”

“Namorar?”

“Como no começo”, sugeri. “De repente você pode me cortejar.”

“Cortejar?”

Ele me olhou como se a escolha de termos fosse estranha. Estendi a mão para tirar um fio solto de sua lapela.

“No nosso segundo encontro, você me disse que adorava as histórias do rei Artur quando criança”, continuei, “e que seu cavaleiro favorito era Sir Galahad. O maior de todos. E comentou que adorava histórias sobre o Santo Graal, Excalibur, Lancelot... Lembra?”

“Claro.”

“Além de todas as aventuras, os cavaleiros deviam se empenhar um bocado para conquistar mulheres”, falei. “Não era essa a base do amor cortês? Imaginei que você soubesse tudo a respeito.”

“Na verdade, já fiz uma pesquisa nessa área.”

“E então?”

Quase deu para ver a mente dele se voltando ao terreno confortável do conhecimento acadêmico. A tensão em seus ombros se aliviou um pouco.

“A ideia do amor cortês surgiu mais ou menos no século XI”, ele explicou. “Na literatura, havia o conceito do amor secreto, em especial entre os membros da nobreza. Uma intersecção entre o desejo erótico e espiritual. O homem precisava se mostrar digno do amor da mulher passando por uma série de provações e aceitando a independência dela. Ele a cortejava com uma série de rituais, cantigas, presentes e gestos elaborados.”

“Parece promissor”, comentei. “Para a dama, pelo menos.”

“A *domina*, no caso”, comentou Dean. “Ela era a amante idolatrada e exigente. O cavaleiro era o *servus*, seu criado fiel e inferior.”

“Sério?”

“Sério.” Ele estendeu a mão para colocar uma mecha de cabelos atrás da minha orelha.

“Isso está ficando cada vez melhor”, falei com um sorriso.

“Está mesmo.” Dean me encarou com um brilho no olhar. “Fazia um tempão que eu não via esse seu sorriso lindo.”

Uma ternura tomou conta de mim. Passei a mão no peito dele, sentindo o calor dos músculos sob a camisa. Dean se inclinou para me beijar, colando a boca à minha. A pressão fez meu sangue esquentar.

“Começou bem, meu criado fiel”, murmurei.

“Obrigado, dama idolatrada.” E lá estavam aquelas rugas no canto dos olhos, o brilho que sempre aquece meu coração.

“Os cavaleiros saíam para longas jornadas e cruzadas, não?”, perguntei. “Podemos encarar sua viagem assim. Mas sem a parte da pilhagem.”

“Eles viajavam muito mesmo”, Dean falou. “E sempre levavam uma lembrança de sua amada. Preciso de alguma coisa sua para levar comigo.”

“Tipo o quê?”

“Um lenço ou uma luva.” Ele encolheu os ombros. “De repente sua calcinha.”

“De jeito nenhum. E se revistarem sua mala no aeroporto?”

Ele sorriu. “Só você para se preocupar com isso.”

“Espera.” Subi correndo para o apartamento e entrei no quarto. Peguei algo em uma caixa de sapatos no armário e voltei.

“Aqui”, disse, estendendo a mão para Dean. “Uma lembrança *apropriada* do meu amor e da minha devoção.”

Ele pegou o pequeno pingente preso a uma correntinha de prata e passou o dedo pela citação em latim: *Fortes fortuna iuvat*.

A sorte favorece quem tem coragem.

“Guarda para mim”, pedi.

“Claro.” Ele guardou a correntinha no bolso da calça jeans.

“Então a ideia é essa”, falei. “Você vai me cortejar à distância. Quando voltar, podemos sair para jantar, ir ao cinema, esse tipo de coisa. Namorar. Vai ser divertido.”

Só Deus sabia o quanto eu e meu marido precisávamos daquilo depois de toda a turbulência dos meses anteriores.

“Eu adoraria voltar a namorar você, Olivia Rose.” Dean pôs a mão no meu pescoço.

“Eu também.”

Ele chegou mais perto, e sua voz grave reverberou dentro de mim. “Me dá um beijo, bela.”

Fiquei na ponta dos pés para colar os lábios aos dele e me senti preenchida pelo amor e pela crença de que em breve estaríamos juntos novamente. Dean segurou meu rosto entre as mãos e moveu a boca junto à minha da forma perfeita que tornava cada beijo uma mistura de algo familiar e sempre novo. Em seguida me abraçou tão forte que senti seu coração batendo contra o meu.

Quando acabou, dei um passo relutante para trás, na direção da porta. Apesar de saber que ele precisava ir, ainda não me conformava com a ideia de ficar longe dele.

Ficamos nos olhando por um momento, com uma energia ressoante entre nós. Guardei na memória a aparência do meu marido naquele instante, parado ao lado do carro, com a brisa agitando seus cabelos, a calça jeans desbotada justa nas pernas, os olhos castanhos afetuosos expressando mil pensamentos e me envolvendo. Tão diferente de cinco anos atrás, quando ficou parado na calçada me olhando... e ainda assim era exatamente o mesmo.

“Me promete que vai relaxar um pouco quando estiver na Toscana”, falei. “Se sujar. Comer bem. Curtir as conversas com os colegas sobre coisas medievais. Dar risada. Lembrar que adora o que faz. Promete.”

“Prometo.” Ele enfiou a mão no bolso do casaco para pegar a chave. “Agora fala.”

“Sou sua.” Senti um nó na garganta. “Fala você também.”

“Sou seu. Sempre vou ser.”

Ele levou a mão ao peito e depois a ergueu para mim. Fiz um aceno rápido e entrei, para não ser obrigada a vê-lo partir.

Dean está na Itália há dez dias. Apesar de estar morrendo de saudade, tenho coisas a fazer, objetivos a alcançar. Trabalho na livraria todos os dias, sou voluntária na biblioteca e estou ajudando a organizar uma nova exposição no Museu Histórico. Também preciso encontrar outro emprego, para quando a livraria fechar.

Volto a encaixotar os livros ilustrados. Folheio um sobre um menino e seu dinossauro de estimação. Desde que sofri o aborto, fico pensando no que perdi. Eu estava começando a fazer planos. Tinha chegado a imaginar como seria ter um bebezinho enrolado num cobertorzinho, fofo e quente como um bolo saído do forno. Com cabelos macios, um sorriso sem dentes e no futuro passinhos cambaleantes.

Imaginei Dean com um recém-nascido no colo, profundamente certa de que amaria e protegeria nosso bebê com uma ternura fervorosa. De que essa criança teria uma sorte indescritível por poder contar com Dean West como pai.

E, apesar de não conseguir me imaginar como mãe, acreditava que em breve seria capaz. Estava conseguindo contemplar a possibilidade no horizonte.

E ainda consigo.

“Vou etiquetar as caixas lá no estoque”, Allie avisa, interrompendo meus pensamentos. “Brent e eu vamos carregar essas primeiro.”

Continuo trabalhando nos livros infantis, fazendo uma ou outra pausa para ler meus e-mails. Dean e eu trocamos dois ou três por dia, com assuntos deliciosamente mundanos, seja trabalho, a viagem que ele fez a Florença ou a nova loja de artigos esportivos que abriu na Tulip Street, mas os telefonemas à noite vão mais além.

Vou para o balcão atender os clientes. Às cinco horas, estou começando a fechar a livraria quando minha amiga Kelsey March chega, com um terninho de risca de giz e salto alto, a mecha azul nos cabelos loiros quase reluzindo.

“Oi, Kels. O que está fazendo aqui?”

“Pensei em convidar você para jantar. Pode até ser naquela casa de chá de que você tanto gosta.”

“A Matilda’s Teapot fechou de vez.” Visto o casaco. “Que tal o Abernathy’s?”

“Pode escolher.”

Pergunto sobre o trabalho dela enquanto saímos da livraria e vamos caminhando até a Abernathy’s. Depois que nos sentamos e fazemos o pedido, Kelsey se recosta na cadeira e olha bem para mim.

“E como você e o professor maravilha estão? Quando ele vai voltar?”

“Ainda não sei.” Nem Dean nem eu contamos a Kelsey sobre o aborto ou a acusação de assédio sexual. A dor do primeiro ainda está muito viva, e não podemos falar sobre o segundo com ninguém.

“Ei, como a Happy Booker vai fechar, estou procurando emprego de novo”, digo. “Lembra que no ano passado você falou que poderia tentar me arrumar alguma coisa no seu departamento? Será que tem alguma vaga aberta?”

“Provavelmente não, porque o semestre já começou, mas posso perguntar. Às vezes pinta algum serviço administrativo.”

“Bom, fui demitida do meu último emprego administrativo, na galeria de arte”, admito. “Acho que não é muito a minha. Mas me candidatei a algumas vagas. Pensei em trabalhar com comida, já que gosto de cozinhar agora.”

Procurei empregos nos classificados e na internet, e deixei meu currículo em uma confeitaria francesa na Dandelion Street e em uma loja de tortas chamada Pied Piper.

Sei que tenho planos maiores, mas preciso de um emprego — *qualquer* um — o quanto antes. Pode ser legal trabalhar em uma confeitaria por um tempo, independente do tipo de trabalho, já que sou louca por doces.

“Tem uma vaga em um estúdio fotográfico na Ruby Street”, continuo. “Eles estão procurando um agente de marketing, o que quer que isso seja. Não entendo nada do assunto.”

“Acho que você seria boa nisso”, Kelsey comenta.

“Sério?”

“Claro.” Kelsey se recosta na cadeira com um suspiro de contrarie-

dade. “Liv, você parece uma... uma criança às vezes. As pessoas gostam disso em você, a inocência, a falta de malícia. Todo mundo quer tomar conta de você, porque é uma fofa. Mas às vezes essa sua falta de confiança em si mesma pode ser irritante.”

“Eu sei, e fico louca da vida comigo mesma. Mas nunca consegui descobrir no que sou boa. Então como posso confiar na minha capacidade?”

“Chegou a hora de parar de achar que você não sabe fazer *nada* e considerar que talvez possa fazer *tudo*.”

“Estou tentando, Kelsey. De verdade.”

“Faz uma lista.”

“Gosto de ler”, digo. “E de jardinagem. E sei fazer um ótimo cappuccino.”

“Que mais?”

“Sou boa em restaurar coisas, tipo móveis antigos. Sempre gostei de decoração e de organização. Estou ajudando a planejar uma exposição no museu e editando o catálogo. Sou boa na cozinha. Adorei trabalhar na livraria com a Allie. E desenho mais ou menos bem.”

Dizer tudo isso em voz alta eleva meu ego. Não é uma lista de se jogar fora.

“Tá vendo?”, Kelsey comenta.

“O quê?”

“Você é boa em um monte de coisas, Liv. Só precisa pôr em prática.”

“Esse é um dos motivos pelos quais estou procurando emprego. Mas tenho medo de que acabe como as outras vezes, e ainda por cima estragando alguma coisa que eu queira *de verdade*.”

Afasto o prato, perdendo o apetite. “Minha mãe sempre foi assim”, digo. “Vive pulando de emprego em emprego.”

“O que isso tem a ver?”

Fico olhando para o prato, sem conseguir confessar o que descobri nos últimos meses — que minha dependência de Dean e minha falta de perspectiva de carreira são assustadoras. Sem meu marido, eu não teria nenhuma garantia financeira e viveria na incerteza.

“Bom... não quero acabar como a minha mãe”, admito. “Nunca quis.”

“Ela tem um casamento maravilhoso?”, Kelsey pergunta. “Ela vive em uma cidade incrível e tem uma ótima amiga chamada Kelsey, que

está disposta a falar umas verdades quando preciso e depois comprar um sundae para compensar?”

“Não.”

“Então para de usar sua mãe como pretexto para não fazer nada da vida.” Kelsey balança a cabeça. “Sinceramente, Liv, às vezes você precisa assumir o papel de adulta e resolver as coisas.”

Ela chama a garçonete e pede dois sundaes.

Suas palavras reverberam na minha mente bem depois de terminarmos o sorvete e irmos embora, o que devia ser a intenção dela.

Volto a pé para a Avalon Street, fazendo uma lista mental de possibilidades de carreiras com base nas minhas capacitações. Quando chego em casa, sigo a rotina de sempre: dou uma limpada no apartamento, depois procuro emprego na internet e trabalho no catálogo da exposição do museu.

Perto das dez, vou para o quarto e visto uma das camisetas velhas do San Francisco Giants de Dean com as quais tenho dormido desde que ele partiu. É macia, confortável e tem um leve cheiro da loção pós-barba ainda estranhado no tecido. É como se pudesse sentir o calor do corpo dele. penteio os cabelos e volto à cozinha para fazer um chá.

Vou até o escritório, ponho a caneca ao lado do computador, me acomodo na cadeira de couro e estendo a velha colcha de retalhos sobre as pernas. É um ritual que aprendi a amar nos últimos dez dias. Meu corpo inteiro pulsa de ansiedade.

São cinco da manhã na Toscana, então o dia de Dean está começando, enquanto o meu termina. Assim que dá dez horas, o telefone toca. Atendo.

“Oi, professor.”

“Aqui eu sou o Indiana Jones, linda.”

Abro um sorriso. “Você é muito mais gostoso que o Indiana Jones.”

“Fico feliz que pense assim.”

“Eu sei.” Me ajeito na poltrona, sentando em cima das pernas. “O que você vai fazer hoje?”

“Sentir saudade da minha garota.”

Sinto um aperto no peito. “Sua garota também está com saudade.”

“Ah, é? Você falou com ela?”

Dou uma risadinha, e o aperto se desfaz um pouco. “Todos os dias. Ela disse que é melhor você não se engraçar com nenhuma italiana bonita.”

“Não tenho olhos para ninguém além de você, bela.” Sua voz profunda e seu tom carinhoso me deixam quente até os dedos dos pés. “Você é a única mulher que eu vejo.”

Solto um suspiro e apoio a cabeça no encosto da cadeira. Apesar de saber que Dean precisa ficar longe de Mirror Lake por uns tempos, é impossível negar que a separação dói. E ainda mais porque não deveria ser assim.

Meu marido deveria estar esparramado no sofá agora, brincando com um barbante entre os dedos. Eu deveria sentir o corpo dele junto ao meu à noite e passar a mão em seu peito. Deveríamos conversar sobre nosso dia durante o jantar, e fazer planos para as férias de verão. Deveríamos estar juntos.

“Encontraram alguma coisa interessante ontem?”, pergunto.

Dean fala sobre seus achados, sobre o processo científico das escavações, seu trabalho em parceria com um professor de Cambridge e a organização do congresso que a King’s vai sediar em julho.

Aperto o telefone com força no ouvido, sentindo sua voz me envolver como um de seus abraços quentes e protetores.

“E você, o que fez hoje?”, ele pergunta.

“Trabalhei na livraria e depois fui jantar com a Kelsey. Ela me chamou de criança e me deu uma bronca por ser tão mole.”

Assim que as palavras saem da minha boca, consigo sentir a raiva de Dean do outro lado da linha.

“Por que ela fez isso?”

“Pro meu próprio bem. Kelsey tem razão, em certo sentido.” Faço uma breve pausa. “Você me vê assim, como uma criança?”

A hesitação do outro lado da linha diz mais do que mil palavras. Sinto meu estômago embrulhar.

“Sério mesmo?”, pergunto. “Você me acha infantil?”

“Nunca vi você como uma pessoa fraca ou medrosa”, Dean responde. “Muito pelo contrário. Mas, quando a gente se conheceu, vi que você era bem tímida, parecia uma ratinha. Como se quisesse ser corajosa, mas tivesse receio de descobrir o que ia acontecer caso se soltasse. Foi um dos motivos que me fizeram gostar tanto de você.”

Penso um pouco a respeito. Em termos objetivos, faz sentido. Me senti atraída por Dean desde o início porque percebi que com ele poderia me arriscar de outras formas, sem sentir medo.

“Bom, pelo menos ratinhas são fofinhas”, murmuro.

“Você pode se vestir de Minnie Mouse quando eu voltar”, ele sugere. “Uma saia curta rodada, uma tiara na cabeça, salto alto...”

Dou risada, mas na verdade considero a ideia interessante. “Suas fantasias andam bem criativas, professor.”

“É o que me resta, sem você aqui.”

Fico arrepiada ao pensar nele fantasiando comigo. Apesar de todo o sexo nos dias anteriores à partida de Dean, nunca havíamos ficado tanto tempo sem qualquer intimidade. Mesmo durante nossos telefonemas noturnos, não direcionamos a conversa para esse rumo.

Mas sei que Dean sente vontade de fazer isso. Nossa vida sexual sempre foi boa porque sentimos muito tesão um pelo outro. Qualquer que seja o magnetismo animal ou a química responsável, atração não falta.

O sexo é explosivo e avassalador entre nós. É um desejo intenso, uma alegria inesgotável, uma forma de esquecer tudo o que não seja nós dois, uma forma de sentir as coisas da maneira mais natural e pura. Um ato a que podemos nos render sem medo.

Quero tudo isso de volta, e sei que Dean também quer. Alguns dias atrás, o tesão bateu com tudo. Comecei a ter sonhos luxuriosos com nós dois, e a satisfação que senti foi muito bem-vinda.

Apesar de estar ansiosa para ficar com Dean de novo, não consigo deixar de acreditar que nos segurarmos agora vai nos ajudar a reencontrar nosso equilíbrio, nos fazendo lembrar de por que *gostamos* da companhia um do outro.

Fecho os olhos e imagino meu marido sentado na cadeira e eu em seu colo, seus braços fortes envolvendo minha cintura. Consigo até sentir o cheiro delicioso e amadeirado de sua loção pós-barba, e o toque áspero dos pelos recém-raspados de seu rosto contra minha pele.

“Dean?”

“Liv.”

“Tudo bem a gente não entrar muito nesse assunto por mais um tempinho?”

“Desde que você não se incomode se souber que fico te imaginando peladinha e toda suada a maior parte do tempo.”

“Não me incomodo. Na verdade, adoro isso. Só tente não pensar em mim quando estiver escavando um esqueleto medieval ou coisa do tipo.”

“Não se preocupa, sou discreto.” Ele faz uma pausa. “E não é só nisso que penso.”

“Eu sei.”

“Na verdade, a abstinência faz parte da filosofia do amor cortês”, Dean me diz. “O cavaleiro suprime seus desejos eróticos para exaltar a alma e a essência da dama.”

“E você acha que é capaz de fazer isso?”

“Posso exaltar sua essência, mas sem chance de suprimir meus desejos eróticos pelo seu corpo.”

Abro um sorriso. “Adoro ser amada por você, professor.”

“E eu adoro amar você, bela.”

Um sentimento intenso preenche meu coração. Houve uma época em que eu não acreditava que pudesse existir um homem como Dean West. Com certeza jamais pensei que alguém como ele pudesse entrar na minha vida. A separação só fez crescer minha gratidão.

“Tenho um poema para você”, Dean me diz.

“Um poema?”

“De Guillaume de Machaut, um compositor de baladas de amor do século XIV. Quer ouvir?”

“Claro.”

Ele limpa a garganta.

*Quero ser fiel a ti, proteger tua honra,
Manter tua paz, obedecer-te,
Temer-te, servir-te e honrar-te,
Até a morte, inigualável dama.
Pois te amo tanto, tão sinceramente,
que seria mais fácil drenar
o mar profundo e deter suas ondas
do que me impedir
de te amar.*